

ENTREVISTA DE ILA ROSETE PARA A GIRO POBOX PODCAST COM ALEXANDRE SALLES DO ESTÚDIO TARIMBA

**Alexandre Salles¹
Maria Elvira (Ila) Rosete²**

Arquiteto e Mestre pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo
Doutora e Mestre pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

{INTRODUÇÃO}

Apresentamos, nesta edição da Revista Arte 21, um diálogo fundamental que transcende as fronteiras disciplinares da arquitetura e do design para tocar em temas caros à nossa publicação: cultura, memória e identidade. A entrevista, conduzida pela arquiteta e doutoranda Ila Rosete com o arquiteto e mestre em Semiótica Urbana Alexandre Salles (Estúdio Tarimba), oferece uma reflexão crítica sobre a prática profissional na contemporaneidade.

Alexandre Salles, premiado por projetos que exploram a ancestralidade e a inovação como vetores para um design ético e culturalmente situado, compartilha sua visão sobre a "inteligência ancestral" e como ela se articula com as tecnologias e os desafios ambientais atuais. A conversa aborda a importância do design brasileiro para além da estética formal, focando na espontaneidade, na valorização do popular e na fusão única de referências que constituem nossa identidade coletiva.

Este texto é um convite à reflexão sobre o papel do profissional criativo como um solucionador de problemas éticos e sensíveis, que valoriza o ritual e a coletividade, distanciando-se da noção de "gênio criativo" individualista.

Ila Rosete: Alexandre Salles é arquiteto reconhecido por sua competência e ética, é admirado pela solidez de seu trabalho e pela originalidade que imprime em cada projeto.

O Estúdio Tarimba conquistou notoriedade nas áreas de design de interiores e arquitetura, alcançando, nos últimos anos, um notável amadurecimento profissional. Esse avanço está fundamentado em uma identidade autoral construída sobre pesquisas extensas e contínuas, realizadas por ele ao longo dos anos.

Alexandre Salles demonstra hoje plena confiança para expor ao mercado suas perspectivas, abordagens e visão autoral sobre a arquitetura e o design de interiores, consolidando sua atuação como referência no setor.

Ila Rosete: Alexandre Salles, por favor se apresente.

Alê Salles: Sou arquiteto e urbanista, mestre em semiótica, mas atualmente, me considero um andarilho. Essa maturidade profissional reflete um pensamento contemporâneo voltado para a circularidade, integrando passado, presente e futuro. Na ânsia de projetar o futuro, muitas vezes nós como profissionais negligenciamos o valor do presente e do passado.

¹ Arquiteto e mestre em Semiótica Urbana pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Coordenador dos cursos de graduação e pós-graduação em Design de Interiores e Design de Móveis no Instituto Europeo di Design – IED São Paulo. Fundador do Estúdio Tarimba (2011).

² Mestre e doutoranda em Design pela Universidade Anhembi Morumbi, com pesquisa na linha de Design, Arte e Tecnologia. Docente no Istituto Europeo di Design e no Centro Universitário Belas Artes.

Acredito ser de extrema importância pensar de forma plural, valorizando a coletividade. A ancestralidade é um eixo central, que articula temporalidades, memórias, objetos e materialidades, exigindo respeito e escuta atenta. A ancestralidade serve como uma ponte entre diferentes tempos e saberes, resgatando práticas e perspectivas essenciais para os desafios atuais.

Vivendo em um contexto em que as tecnologias avançam rapidamente e promovem novas inteligências, é fundamental não apartar a inteligência ancestral desse movimento. O conhecimento ancestral foi fundamental para a sobrevivência humana e permanece relevante até os nossos dias que vivemos uma importante crise do meio ambiente. Recorrer a estes conhecimentos pode ser um possível caminho para promover a cura do planeta.

Acredito que a valorização dos saberes ancestrais encontra expressão no design e na arquitetura quando essas disciplinas reconhecem a ancestralidade como um meio de comunicação e de criação. O processo investigativo sobre materiais, como a taipa, e sua “restaurabilidade”, exemplifica esse cruzamento: compreender a origem, as técnicas, e a aplicação desses saberes tradicionais é fundamental para inovar de forma genuína e responsável.

Ila Rosete: Alê, gostaria que você falasse sobre o que significa tecnologia para você?

Alê Salles: Acredito que o uso de tecnologias inovadoras, como sistemas construtivos sustentáveis que proporcionam ambientes frescos sem causar impactos agressivos ao meio ambiente ou às pessoas, é fundamental no contexto atual. Tal responsabilidade exige uma análise renovada sobre os ciclos temporais na arquitetura e construção civil, implicando em processos contínuos de adaptação e aprendizado coletivo.

O cenário da pandemia evidenciou a necessidade de reflexão profunda, reforçando o papel da autocura e do crescimento pessoal e institucional diante dos desafios enfrentados. A assimilação desses aprendizados é essencial para o desenvolvimento sustentável e resiliente. Além disso, torna-se imprescindível compreender a formação cultural dos territórios, reconhecendo a pluralidade de vozes historicamente marginalizadas nas discussões públicas. Ao analisar diferentes técnicas construtivas, como a taipa, presente tanto no Sertão quanto em regiões urbanas como Sorocaba, além das variantes africanas enriquecidas por adições como a cinza, observa-se a integração de múltiplas tecnologias. É necessário referenciar e valorizar adequadamente seus interlocutores, que desempenham papel relevante na preservação e evolução dessas práticas.

Os profissionais que mantêm essas tradições são fundamentais para garantir qualidade de vida às futuras gerações. Essa perspectiva temporal tem sido relevante não apenas no âmbito profissional, mas também na busca pela compreensão da própria ancestralidade como caminho para um futuro saudável, fundamentado em educação, aprendizado e sabedoria. Tais elementos constituem pilares essenciais para o progresso e para uma sociedade equilibrada.

Por fim, a experiência dos antepassados revela importantes lições sobre convivência pacífica e criativa com o entorno. O conceito de inovação deve ser ampliado para abranger soluções tradicionais e digitais, promovendo abordagens que unam criatividade e sustentabilidade nos processos de sobrevivência e desenvolvimento.

Ila Rosete: *Como você tocou anteriormente gostaria que abordasse um pouco mais sobre sua visão de inovação e o que define uma abordagem inovadora no design?*

Alê Salles: A inovação não está restrita à criação de novas técnicas, mas se manifesta nos mais diversos contextos, desde o plantio do café até a construção de alvenarias. São muitos os caminhos possíveis para buscar soluções legítimas, e é importante reconhecer que tendências podem direcionar nossos olhares, mas não devem limitar a pluralidade de perspectivas. Ao considerar a ancestralidade e a sustentabilidade como tendências, é fundamental destacar que, muitas vezes, a investigação sobre essas temáticas ainda carece de profundidade. Apenas “parecer” sustentável, por exemplo, não basta: é preciso agir de modo consciente, tornando a sustentabilidade um princípio ativo e coletivo. Trata-se de uma ação contínua, não de uma escolha pontual ou conceito estático.

A busca por uma identidade legítima no design passa pela tradução coerente e consciente das múltiplas influências. A coletividade é ressaltada quando se reconhece que a legitimidade está na vivência, na ação, e não apenas em discursos ou tendências momentâneas. O existência contemporânea onde o indivíduo está no centro da existência, por exemplo, pode ofuscar o trabalho coletivo, valorizando excessivamente o individual em detrimento do grupo. Na arquitetura e no design, o processo criativo envolve especialidade, técnica, pesquisa e intenção. É importante diferenciar o fazer autêntico daquele motivado apenas por modismos ou desejo de exposição. A cerâmica artesanal, por exemplo, carrega consigo história, afetividade e ritual, elementos que não podem ser reduzidos ao simples ato de criar por lazer ou tendência.

O ritual é fundamental: trata-se de um pacto com o tempo, com a materialidade e com a energia compartilhada. Ao perder o sentido dos ritos e das jornadas, empobrecemos nossas experiências e diminuímos o potencial de cura e transformação do design. O espaço projetado, deve ser pensado para dar suporte às emoções, histórias e vivências, tornando-se parte ativa do processo de acolhimento e desenvolvimento.

Pensar a inovação, o design e a arquitetura a partir da ancestralidade é ampliar o olhar, valorizar a coletividade e reconhecer a importância dos rituais e das práticas tradicionais. A verdadeira legitimidade está em unir conhecimento, intenção e ação, promovendo experiências integradas e conscientes para todos os envolvidos.

Ila Rosete: *Muitos ainda veem arquitetos e designers como gênios criativos. Qual deve ser, na sua opinião, o papel desses profissionais na contemporaneidade?*

A atuação dos profissionais de arquitetura e design se distancia da mera esfera artística, posicionando-se como solucionadores de problemas. O exercício do desenho envolve técnica, intelecto, pesquisa e intenção, indo além do desejo de exposição midiática. A valorização do ritual é fundamental, pois o empobrecimento dos ritos compromete as experiências e reduz o potencial de transformação do design. O quarto de um bebê, por exemplo, simboliza esse ritual de passagem, extrapolando a arquitetura para abordar emoções e jornadas de vida. A ritualização e o conhecimento ancestral têm papel central na cura e no desenvolvimento das práticas profissionais. Histórias e memórias, transmitidas entre gerações, auxiliam na construção de experiências significativas e no fortalecimento dos ritos. A trajetória pessoal de cada profissional influencia diretamente o modo de enxergar o design, revelando a importância de resgatar raízes e tradições.

A arquitetura é moldada por experiências de acolhimento e aprendizado com diferentes pessoas e mercados. O processo de reescala, ao partir de uma formação intelectual focada na cidade e direcionar o olhar para o detalhe, permite compreender intimidades e jornadas de vida. O interesse pelo significado dos elementos, como cores e objetos, conduz a uma investigação mais profunda, foi o que pautou o meu mestrado em semiótica. Esse percurso revela a democracia do design e da arquitetura, evidenciando a necessidade de compreender as camadas humanas presentes na cidade e nas relações cotidianas. O amadurecimento profissional implica incorporar pesquisas e consultorias que valorizem a educação e permitam contribuir culturalmente para o a arquitetura no Brasil.

O entendimento da contribuição cultural brasileira é essencial, embora muitas vezes negligenciado. As narrativas individuais e coletivas se entrelaçam, e a apreciação cultural deve substituir a apropriação indevida das histórias. A prática profissional se fortalece ao convergir experiências e responsabilidades, promovendo uma atuação ética e sensível aos contextos sociais, culturais e humanos.

O design e a arquitetura, fundamentados em rituais, conhecimento e ancestralidade, promovem experiências integradas e conscientes. A responsabilidade do profissional reside em impactar positivamente o outro, traduzindo saberes profundos em projetos que valorizem a coletividade e respeitem as múltiplas camadas de vivência e história.

Ila Rosete: *Alexandre, considerando o hibridismo como característica importante a ser considerada no complexo mundo atual, quais você acredita serem os principais elementos que caracterizam e diferenciam a arquitetura e o design brasileiro internacionalmente?*

Ao abordar o design brasileiro, é fundamental compreender que ele transcende a estética formal e se configura como espaço de memórias e registros, tanto eruditos quanto populares. Essa contribuição envolve a valorização do design e da arte popular, permitindo que diferentes vozes e referências dialoguem e se entrelacem no cotidiano.

A referência à cadeira de Lina Bo Bardi exemplifica como elementos do repertório nacional se tornam parte da identidade coletiva, formando uma amalgama, não simples mistura de características, mas como uma fusão única e inseparável das origens. Essa fusão torna possível uma apreciação cultural genuína, pois as fronteiras entre começos e fins se tornam difusas, refletindo a complexidade das raízes brasileiras.

A discussão sobre identidade cultural e nacional no Brasil revela diferentes camadas e denominações. A Semana de Arte Moderna de 1922 marcou uma virada importante, quando escritores passaram a reconhecer e aceitar as diferenças como elementos agregadores. Essas diferenças, ainda que não resolvidas, foram percebidas como potenciais contribuições para o modo brasileiro de ser.

Com o tempo, essa percepção se fortaleceu, e atualmente não há dúvida sobre a riqueza causada pela diversidade e pelas múltiplas influências que formam o Brasil. O reconhecimento dessas características é essencial para evitar distorções de visão sobre o que constitui o design e a arquitetura nacionais.

Outro traço marcante do design brasileiro é a espontaneidade relacionada à sobrevivência, expressando criatividade e inovação de forma singular. Soluções simples e engenhosas, presentes no contexto social brasileiro, são verdadeiros tratados de engenharia e estética, embora nem sempre reconhecidas formalmente como características nacionais.

Paralelamente, valores clássicos do design brasileiro continuam sendo evocados e revisitados, fortalecendo o repertório e o sentimento de identidade, sem eliminar o papel vital da espontaneidade e da adaptação criativa diante dos desafios cotidianos.

Texto enviado em: junho de 2025
Texto aceito em: setembro de 2025

{...}